

VARIABILIDADE LINGÜÍSTICA NO BRASIL

A lingüística, ciência que estuda a linguagem, possui uma área denominada Sociolingüística, que por sua vez, estuda as relações existentes entre os comportamentos lingüísticos e as estruturas sociais, e que nomeia de “variedades lingüísticas” os diferentes modos de se falar dentro de uma comunidade lingüística. Partimos então, do pressuposto da existência da diversidade ou variação de uma língua, e que qualquer uma, falada por qualquer comunidade, apresenta essas variações: língua e variação são inseparáveis.

Essas variações ocorrem por vários fatores, que influenciam o modo de falar de pessoas de uma comunidade e observamos que o local de origem, a idade, o sexo ou a classe social de um indivíduo são determinantes para tal. De um modo geral, devemos considerar a variação geográfica, chamada diatópica, e a variação social, chamada diastrática, para entender as variedades lingüísticas.

A variação “diatópica”, está relacionada á disposição geográfica, ou seja, a qual região pertence o falante e, para isso, consideramos os obstáculos naturais e as grandes distâncias. No Brasil, podemos destacar as variedades baiana, curitibana, rural paulista, paulistana, carioca, entre outras. Essa situação é observada nas pessoas originárias das diferentes regiões do nosso país, como exemplo citado no livro Introdução à Lingüística de Fernanda Mussalim e Anna C. Bentes, 2003: “...entre falantes brasileiros originários da regiões nordeste e sudeste, percebemos diferenças fonéticas como, por exemplo, a pronúncia de vogais médias pretônicas – como ocorre na palavra “melado” – pronunciadas como vogais abertas no nordeste [méladʷ] e fechadas no sudeste [me’ladʷ]. Percebemos também diferenças gramaticais, como por exemplo, a preferência pela posposição verbal da negação, como em “sei não” (nordeste) e “não sei” (ou, “não sei, não”, no sudeste); e o uso do artigo definido antes de nomes próprios como em “Falei com Joana” (nordeste) e “Falei com a Joana” (sudeste).”

A variação “diastrática” está relacionada a estratificação social, ou seja, com a identidade dos falantes e sua relação com a organização sócio-cultural e econômica da comunidade, onde podemos destacar: a classe social, a situação ou contexto social, a idade, o sexo. Vale destacar que algumas literaturas classificam os fatores idade e sexo, além da oralidade e escrita, considerando-se a formalidade e a não-formalidade, dentro de uma variação denominada “diafásica”.

Como exemplos, baseados na obra de Mussalim e Bentes, temos:

Situação ou contexto social: fato muito conhecido em que qualquer pessoa muda sua fala de acordo com seus interlocutores (se este é mais velho ou de hierarquia superior, por exemplo), segundo o lugar em que se encontra (em um bar, em uma conferência – e até mesmo segundo o tema da conversa – fofoca, assunto científico). Ou seja, todo falante varia sua fala segundo a situação em que se encontra.

Idade: o uso de vocabulário particular, como presente em certas gírias (“maneiro”, “esperto”, com sentido de avaliação positiva sobre coisas, pessoas e situações) demonstra uma faixa etária jovem; já a pronúncia fechada da vogal tônica posterior da palavra senhora [se’ηora], em lugar de [se’ηora], é uma característica de alguns falantes mais velhos.

Sexo: a duração de vogais como recurso expressivo, como em “maravilhoso” e o uso frequente de diminutivos, como “bonitinho”, costuma ocorrer na fala feminina.

Observa-se então, que existem muitos fatores que podem produzir variações lingüísticas, e estas acontecem naturalmente (com a mistura de todos os fatores) nas relações sociais de um indivíduo, que interage verbalmente de acordo com sua região de

origem, classe social, idade, escolaridade, sexo etc e segundo a situação em que se encontra. É possível se descobrir a região de origem e as características da vida de alguém analisando o seu modo de falar, tomando-se como referência as variações (diatópica, diastrática, diafásica) do diassistema, que é todo sistema lingüístico de uma nação. A partir dessa noção do que seja variação lingüística, que ocorre dentro de um sistema lingüístico, é possível se entender o termo “variabilidades lingüísticas”, objeto de estudo da Dialetoologia.

A variabilidade lingüística só se concretiza quando a variação se dá em, no mínimo, dois níveis de descrição lingüística, que são: fonético/fonológico, sintático, morfológico, semântico. A Fonética e a Fonologia são áreas da Lingüística que estudam os sons da fala, sendo que a primeira descreve esses sons e como eles são produzidos, transmitidos e percebidos (o som [b] é articulado com obstrução do fluxo de ar seguido de uma explosão) e a Segunda interpreta os resultados obtidos desses sons comparando-os com a língua e os modelos teóricos disponíveis (alguns falantes no Brasil consideram “o mesmo som” as consoantes iniciais das palavras “tapa” e “tia” - [t] e [tʃ] - “te” e “tchê” respectivamente): observamos o som, a prosódia, a entonação de quem fala. A Sintaxe refere-se à parte da Gramática que descreve o modo como as palavras são combinadas para formar as sentenças, como se pode observar nessas três frases (Mussalim/Bentes): (1) Diadorim entregou o facão para Riobaldo; (2) O Miquilim eu vi ontem; (3) Na festa vieram o Manuelzão e o Augusto Matraga; explica-se que a primeira apresenta a ordem direta, natural e predominante dos elementos da frase em português, o que não acontece nas demais, portanto observamos a construção sintática das frases. A Morfologia é definida como a parte da Gramática que estuda a estrutura interna das palavras, suas formas e flexões: observamos os radicais, os afixos e os sufixos. A Semântica é o ramo da Lingüística que estuda o significado das palavras (como exemplo, o fato de existirem em regiões distintas do país, palavras diferentes para um mesmo ser: aipim, mandioca, macaxeira): observamos o significado das palavras.

Em suma, pelo menos duas dessas variações devem acontecer para se caracterizar uma variabilidade ou variação lingüística, que pode se apresentar como dialeto, falar e registro.

No Brasil, cuja língua oficial é o Português do Brasil, existem essas variações, e para exemplificá-las, vejamos algumas de suas características:

Dialeto: tem o mesmo grau de coerência da língua (e não é considerado um erro), ocorre quando existem obstáculos naturais (grandes rios, montanhas, distâncias, fatores que isolam os grupos de pessoas), abrange uma grande circunscrição geográfica e aparece de maneira significativa na literatura. De uma forma geral, considera-se dialetos de uma nação todas as línguas naturais utilizadas pelo povo e que não foram escolhidas para ser a Língua Nacional, que representa a Nação e é fator de união. Em nosso país, esse conceito tem um significado um pouco diferente, pois como a Língua Portuguesa foi imposta na colonização, os dialetos nativos foram dizimados, existindo hoje em pequena escala nas comunidades indígenas restantes, passou-se a utilizar o termo “dialeto” para se referir às regiões ou estados: dialetos regionais, dialetos estaduais, como vimos nos exemplos já citados.

Falar: ao contrário do dialeto, não atinge o mesmo grau de coerência da língua (podendo até mesmo ser considerado erro), ocorre em pequenas áreas geográficas numa característica daquele local e manifesta-se muito pouco na literatura. É observado, por exemplo, na maneira própria de falar das pessoas de uma pequena cidade e vizinhança.

Registro: ocorre nos grandes centros urbanos (é pontual, específico do local), onde existe a estratificação social, da qual é interdependente, e manifesta-se

timidamente na literatura, que se utiliza basicamente da língua nacional. No Brasil temos o modo de escrever do paulistano, do carioca, etc.

Esses fenômenos lingüísticos que convivemos, e às vezes nem percebemos, das diferenças entre o português falado em São Paulo e o falado no Rio de Janeiro, ou nas cidades de Salvador e Porto Alegre, podem até criar algum problema em uma conversa entre pessoas de regiões com cultura muito diferente mas, geralmente, não impedem a comunicação pois, apesar de dessas diferenças, falamos a mesma Língua Portuguesa.

Vitor Fernandes

Referências:

MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. **Introdução à Lingüística: Domínios e Fronteiras**. v.1. 3ed. São Paulo: Ática, 2003.

FIORIN, José Luiz. **Introdução à Lingüística: I – Objetos Teóricos**. 2ed. São Paulo: Contexto, 2003.